

ARTIGO

Tatuagem na Alma



JORGE DAHER
Médico

Um ramo interessante das neurociências estuda os comportamentos humanos, face ao processo evolutivo e, nessa área, os sentimentos são incluídos como uma característica comportamental, que surge seletivamente como uma maneira de sobrevivência.

Em artigo publicado em revista de divulgação científica, o professor Henrique Del Nero afirma que o sentimento de solidariedade surge num momento onde houve pressão seletiva e o aprendizado da solidariedade garantiu a sobrevivência do grupo, como os pesquisadores evidenciam em laboratório, analisando comunidades de... formigas!

O aprendizado teria se interiorizado e se tornado um instinto, com manifestações neurocerebrais, ou seja, o estímulo à solidariedade produz uma resposta do cérebro, que é mediada pela produção de um neurotransmissor, que pode ser um hormônio.

As especulações da ciência materialista tem o charme de serem baseadas em pesquisas, mas são frágeis ante a falta de comprovação e à insistência que somos consequência de um cérebro, criamos o

mundo à imagem e semelhança de nosso padrão de transmissão cerebral. Assim, se a produção de serotonina é reduzida, vemos o mundo com as cores da depressão, se a produção de dopamina sobrepõe, criamos um mundo multicor e sem nexos. As evidências surgem do conhecimento que temos de doenças específicas, como a depressão e a esquizofrenia.

Aldous Huxley foi um dos mestres de minha juventude cronológica (afinal, no tempo ontológico, tempo do ser, sou eternamente jovem!). A crítica que o autor inglês, que se radicou nos Estados Unidos, fazia à Freud foi que o pai da Psicanálise tentou descrever o que é normalidade a partir de seus pacientes histéricos, ou seja, com distúrbios. A mesma crítica é feita à visão do professor Del Nero, e àqueles que a compartilham, pois não se pode categorizar apenas como instinto um sentimento próprio do homem.

Ontem recebi a ligação de um amigo, dizia ele estar apaixonado, envolto do amor puro, que só quem ama pode saber. Logo ele que dizia-se imune a esse tipo de sentimento, pois como estudioso da psicologia do comportamento, e das neurociências em particular, sabia ele que todos os sentimentos surgem como instintos de sobrevivência e apenas a mente humana era capaz de transformar um instinto em algo maior que realmente era.

As pesquisas sobre o amor e o que o amor provoca no ser humano existem há mais de 25 anos. A limi-

tação é provocada pelos modelos animais, pois nenhum ser vivo ama, apenas o homem. Inesquecível a descoberta da serotonina, que foi aclamada como a substância do amor e logo depois, da felicidade. Uma vez alcançada a grande e descompromissada mídia, em brilhante estratégia, as vendas de Prozac passaram a ser monumentais e a indústria farmacêutica passou a ser dona de nossas crises existenciais, categorizadas agora como transtornos do humor e ansiedade, prontamente tratadas, gerando receita anual da monta de 9 bilhões de dólares.

Meu amigo usava Prozac para se sentir amando alguém, o mesmo amigo que me telefonou, envolto em paixão. Perguntei pelas neurociências, pelo Prozac, e ele sorriu com desdém (reconhecer desdém durante uma ligação de celular pode parecer excesso literário, mas é possível!). Enviou-me imediatamente um email, depois de nossa conversa, transcrevo a parte principal:

“O amor é sublime, o que de melhor pode ter me ocorrido, pois me transformou. Por favor esqueça todas as teorias que formulei, te mandei e publiquei, que as rasgue, de preferência. Hoje amo, sei que amo, amo profunda e intensamente que trago meu amor como tatuagem de minha alma!”

O amor rompe barreiras, inclusive financeiras, pois ele me ligou de Londres, onde descobriu sua amada, cujo nome é latino e fervoroso, como uma tatuagem na alma.

ARTIGO

Mistérios do PIB, Ideias para Pauta

Que diabo está havendo com a indústria? O Brasil está vivendo, mesmo, uma “economia de serviços”, como as do mundo rico, ou os números do PIB mostram só uma caricatura de modernidade? Estas são algumas perguntas óbvias, motivadas pela divulgação das contas nacionais, na quarta-feira (13/6). Os jornais apenas começaram a cuidar dessa pauta. Quem quiser cumpri-la ainda terá muito trabalho, mas o resultado valerá a pena.

Os jornais tentaram, nas edições de quinta e sexta-feira, debulhar os números divulgados pelo IBGE, examinando o Produto Interno Bruto de várias perspectivas. Para começar, deram ênfase ao dado mais vistoso – o “crescimento” de 4,3% em relação ao PIB do primeiro trimestre de 2006. A palavra crescimento, nesse caso, pode ser enganadora.

Como os períodos são descontínuos, seria mais correto afirmar que o PIB de janeiro a março de 2007 foi 4,3% maior que o de um ano antes. O ritmo de produção no trimestre inicial deste ano poderia estar estagnado ou até em queda. Ainda assim, poderia ser maior que o de janeiro a março do ano passado, por causa da expansão ocorrida entre os dois períodos.

O próprio IBGE comete essa impropriedade, com frequência, ao divulgar seus levantamentos. Mas o assunto não é tão misterioso. Um septuagenário pode ser 15% mais alto do que era aos 15 anos, mas isso não é sinal de que esteja crescendo ou tenha crescido recentemente. O mais provável é que tenha começado a encolher.

A tendência de curto prazo é indicada mais claramente, no caso do PIB trimestral, pela comparação com o período imediatamente anterior, descontada a variação sazonal. Essa variação foi de 0,8%. Projetada para quatro trimestres, aponta uma expansão de apenas 3,25%. Há boas indicações de que tenha ocorrido uma aceleração no segundo trimestre e essa, por enquanto, é a melhor notícia.

EM PERSPECTIVA

Alguns economistas

também mostraram otimismo diante da evolução do investimento bruto. Desta vez, disse um deles, o crescimento da economia é mais firme do que outros episódios dos últimos anos. Faz parte da cobertura, tanto dos jornais quanto dos meios eletrônicos, a reprodução de opiniões de especialistas. Mas não custa fazer uns cálculos simples por conta própria. Uns poucos tiveram esse trabalho.

A taxa de investimento, no primeiro trimestre deste ano, ficou em 17,2% do PIB, praticamente igual à de um ano antes. É uma taxa ridícula, quando comparada com a de outros emergentes ou mesmo com a observada no Brasil na fase do chamado “milagre”, no final dos anos 1960 e em boa parte dos 1970, quando a formação bruta de capital fixo andou pelos 24% e até mais.

Jornais, rádios e TVs também chamaram a atenção para um dado complementar, não explicitado no material divulgado pelo IBGE: o investimento na infra-estrutura continua emperrado. Projetos de hidrelétricas, centrais térmicas, estradas e terminais portuários continuam no papel, ou na imaginação, porque faltam licenças ambientais, garantia de abastecimento de gás e regras para as parcerias público-privadas. O problema, nesses casos, não é a escassez de capital, mas a indefinição política.

O ataque a uma questão das mais importantes, a composição setorial do PIB, demorou um pouco mais. No primeiro trimestre, a indústria de transformação produziu apenas 2,8% mais do que um ano antes. Em todas as demais comparações, o resultado da indústria foi pífio. Qual o problema? Não se trata, obviamente, apenas de uma perda de peso na composição do PIB, mas de uma redução do dinamismo do próprio setor.

O Estado de S.Paulo saiu com um primeiro ataque à questão no domingo (17/6), sob o título “Indústria cresce abaixo do PIB desde 2004”. A escolha de um período razoavelmente longo, três anos, foi uma ideia interessante. Falta di-

zer mais sobre o assunto, mas a matéria foi um bom esforço inicial para pôr o assunto em perspectiva. A Folha de S.Paulo, também no domingo, tratou de um aspecto restrito da questão, mas também relevante: “Indústria de ponta perde espaço no país”.

O PESO DOS SERVIÇOS

Matérias como essas podem fazer a diferença numa cobertura. Mais que isso, podem fazer a diferença entre a cobertura dos jornais e a dos meios mais velozes, como a TV, o rádio e a agência de noticiário online.

No caso, esse tipo de matéria pode contribuir para uma avaliação mais precisa da natureza do crescimento econômico. Durante décadas, a indústria foi o motor principal da economia brasileira, não só por seu dinamismo, mas também por ser um dos pólos mais importantes de mudança tecnológica e a maior fonte de empregos de qualidade – formais, produtivos, com os melhores salários médios e com padrões mais altos de segurança.

Esse quadro foi parcialmente mudado pela terceirização, que jogou para os serviços parte dos empregos proporcionados até os anos 1980 pela indústria. Mas falta uma noção mais clara do que mudou no setor industrial e no de serviços. Este é muito amplo e muito diversificado em termos tecnológicos.

Maior peso estatístico na formação do PIB não é sinônimo de maior dinamismo, nem de modernização mais veloz que a do setor industrial. Também não significa, necessariamente, criação de empregos de maior qualidade. O contrário, segundo as aparências, é o mais provável. Excluída a área financeira, o que representa, no Brasil, o setor serviços em termos de tecnologia, dinamismo e criação de empregos de qualidade? Quais as suas conexões com a indústria de transformação e com o agro-negócio?

São questões trabalhadas, mas vale a pena enfrentá-las.

Rolf Kuntz
Jornalista

ARTIGO

Carta Aberta ao Pastinha



LETÍCIA JURY
Jornalista

Sexta-feira, 22 de junho. Acordo e sinto aquele friozinho, me lembro das matérias dos jornais da semana que passou que anunciaram que os próximos dias serão ainda mais frios. Logo me lembrei das palavras do meu namorado, Alexandre Cunha, na noite anterior, em que fez uma análise dos países de inverno rigoroso, citou alguns deles e as consequências do ‘frio’ em seus hábitos.

Aos poucos, no trajeto entre a minha casa e o meu trabalho o sol começou a aparecer, e ‘começou a esquentar aquela manhã fria’. Mais uma vez refleti sobre o significado dos momentos ‘frios e quentes’ da nossa vida. E das pessoas ‘frias e quentes’ que convivemos por ‘prazer’ ou somos obrigados

por motivos diferentes.

Lembrei-me do último domingo, em que eu estava na casa do meu sogro, José Cunha Gonçalves, e um dos grandes amigos da família, o Pastinha (Mauro Gonzaga Jaime), nos falava sobre a sua indignação com o ser humano, com pessoas sem caráter, desequilibradas, pessoas simplesmente, frias.

Falamos sobre a corrupção no Brasil, sobre as mazelas nacionais e até citamos alguns casos internacionais. Citamos nomes de pessoas que consideramos corruptas, ‘para não dizer do mal’. Pessoas que levam vantagens, que mentem que denigrem que incentivam a falsidade.

O problema, meu amigo Pastinha, é que falamos muito do ‘nacional’ e nos esquecemos do ‘local’, não apontamos aquelas pessoas que estão próximas de nós. Que tal fazermos isso um dia? Isso mesmo, há muitos ‘Renan Calheiros’ (ou até pior) no nosso convívio social.

Voltando a manhã fria desta sexta-feira, retomo às minhas reflexões, para lhe dizer que assim como você (como me disse no

domingo), que tem dias que têm vontade de ‘jogar a toalha’ e de ‘parar o mudo para descer’, eu também me sinto assim, principalmente quando me deparo com a falsidade e com a mentira, que consequentemente resultam em decepção.

Mas, o meu consolo Pastinha é que esses ‘choques’ diante de algumas situações e condutas, são passageiros, por que logo o sol vem. E aí, me lembro de uma pessoa maravilhosa, honesta e amiga, que vou conviver o resto da minha vida e que será o pai dos meus ‘quatro filhos’, o homem que me ensinou a amar e sempre me diz para “deixar o frio de lado e ver apenas as coisas boas da vida”...

Então Pastinha, eu me esqueço das decepções, e assim como você, volto a sorrir! Não podemos deixar as mazelas do nosso país nos entristecerem, nem mesmo a corrupção em todas as instâncias, pouco menos os salários atrasados dos aposentados. Vamos continuar com o nosso senso crítico, nossa honestidade e princípios éticos e morais... E viva o Centenário de Anápolis!

JORNAL DO ESTADO DE GOIÁS

- Organização Independente de Comunicação Ltda

- Administração, Redação, Edição
Rua Conde Afonso Celso, nº 515
Setor Central
Fone: 3099-6100/3099-6114

- Impressão:
WAN Comunicação

Diretor-superintendente: Marcos de Carvalho Vieira
(marcosvieira77@yahoo.com)

Editor chefe: Flavio Mobaroli (flaviojornalista@hotmail.com)

Editor de Arte: Normando Pereira Barros (npbarros@hotmail.com)

Repórter fotográfico: Ismael Vieira (ismaelrvieira@hotmail.com)

Gerente de projetos: Cecília Rodrigues (cecilia.comercial@gmail.com)

Críticas,
Sugestões,
Opiniões

Participe do nosso jornal

3099-6100/3099-6114

